

“Uma negociação de longo prazo depende da definição política”

por Reginaldo Heller
do Rio

A definição no cenário político brasileiro é uma das condições básicas para uma negociação abrangente e de longo prazo da dívida externa. A opinião é de Charles Peter "Chet" Brauch, presidente do Banco Lar Brasileiro, associado ao Chase Manhattan

Bank, o terceiro maior banco dos Estados Unidos e o segundo maior credor do Brasil. Com um total de empréstimos que ultrapassa os US\$ 2,6 bilhões, o Chase é, também, o coordenador do projeto 3 da dívida externa — créditos comerciais — e do programa de financiamento às importações do Eximbank, no valor de US\$ 1,5 bilhão. Para

"Chet" Brauch, a comunidade banqueira internacional acompanha com intensa expectativa o processo sucessório no Brasil. "Afinal, para um acerto mais duradouro, é necessário conhecer-se quem será governo, sua equipe econômica e sua política de longo prazo."

Brauch, ouvido por este jornal na sexta-feira, reagiu com naturalidade às diferentes propostas de renegociação dos termos do serviço da dívida, mas deixou claro que a capitalização integral dos juros, a limitação de taxas ou o puro e simples alongamento dos prazos não encontrariam campo fértil nos meios banqueiros credores. "Acho possível capitalizar parte dos juros devidos, especialmente os relativos a financiamento de projetos de longa maturação, ou alongamento dos prazos desses financiamentos. Podemos usar os instrumentos que estão ao nosso alcance, para viabilizar o serviço da dívida. O que não será possível é não pagar nada, restabelecer o acesso normal do Brasil ao mercado financeiro internacional para a rolagem rotineira da dívida. Mas isso somente será possível com definição e estabilidade política, controle efetivo da inflação, manutenção de superávits comerciais e uma política econômica que induza ao aumento da eficiência na economia".

EXPORTAÇÃO

Brauch referia-se, especialmente, à área de transportes voltados para as exportações, agricultura, tecnologia e marketing. Segundo ele, um produto brasileiro é oferecido ao mercado internacional a preços razoavelmente competitivos, mas faltam uma estratégia de "marketing", um sistema eficaz de vendas, uma política de incorporação de tecnologias que acompanhem as exigências dos principais merca-

dos consumidores, como a Europa e os Estados Unidos. Além disso, ele acha essencial um intenso trabalho de "lobby" brasileiro nas principais capitais dos países credores e junto aos parceiros comerciais e financeiros.

Como coordenador do programa do Eximbank, o Chase montou uma sistemática de monitoração de todos os empréstimos, sua aplicação efetiva e acompanhamento, três vezes maior do que o sistema atual que atende a todas as operações realizadas pelo banco no hemisfério ocidental. A implementação burocrática, legal e operacional, sofreu, portanto, atrasos significativos, agravados pela interrupção ocorrida em janeiro, quando se negociou o empréstimo-jumbo. Além disso, tornou-se necessária a participação do Banco do Brasil.

EXIMBANK

"Chet" Brauch garante que até fins de junho já estará encerrado o sindicato com 181 bancos americanos. Seus assessores acham que o Brasil poderá contar com empréstimos de agências governamentais — financiamentos às importações — em montante superior aos US\$ 2,5 bilhões acertados com o FMI, podendo chegar a US\$ 3 bilhões.

Brauch, com larga experiência internacional — ele serviu como representante do Chase no Extremo Oriente —, entende que será possível chegar a um acordo em torno do serviço da dívida, mas não acredita que a questão do capital estrangeiro, especialmente na informática, será tema de negociação com os banqueiros. "Esse é um assunto interno do Brasil", disse, frisando, contudo, que a boa prática indica a necessidade de um equilíbrio saudável entre dívida e capital, seja no âmbito da empresa, seja na economia de um país.